

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--4 de Julho--1929

**4.º ANO**

**OS TOES**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

**163**



**five** semanario humoristico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDAÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

## O HOMENAGEADO DA SEMANA



Dr. Caetano Beirão da Veiga, director do Instituto Superior de Comercio



# Os ditos da semana



## Boletim meteorológico

Andamos às avessas. Ha dois numeros queixaxa-se o *Sempre Fixe* da falta de calor, porque de facto, quando os "ditos da semana" foram escritos fazia frio. Mas quando o jornal saiu, saiam-nos tambem as camarinhas de suor pela testa fóra.

Quizemos emendar a mão. Fizemos novo eco, registando o calor que fazia, não fosse o caso que o leitor não tivesse dado por isso, e o mesmo fracasso nos sucedeu. No dia em que foi posto á venda o *Sempre Fixe*, tinha arrefecido o tempo outra vez.

Agora chove. Chove no momento em que escrevemos mas ninguem sabe o calor tropical que fará lá para meados da semana quando *Fixe* sair.

Fica o leitor prevenido. Nós não somos o Saragoçano nem o Borda d'Água. Somos apenas o *Sempre Fixe* que sempre é alguma coisa mais do que uma folhinha. São oito folhas taludas que o leitor devora como se fossem folhas de alface. O que é preciso é não acreditar no que nós dizemos, porque cinquenta por cento das nossas informações são letra morta.

## O Terreiro do Paço

Vão já bastante adeantadas as obras do Terreiro do Paço. Do lado do Ministerio das Finanças desapareceram os tapumes e puzeram oculos quadrados ao pavimento, não sabemos se para o Terreiro do Paço ver as porubas, se para as pombas verem o que lá vae por baixo.

Foi tudo transformado. Estreitou-se a placa para haver maior largueza e alargaram-se as ruas para estreitar melhor as relações do publico com o Tejo.

A Praça deixou de ser lugar de má nota e já pode ser frequentada sem receio. Desapareceu o perigo de apanhar o chapéu em noites de vendaval e apareceu a praça com bordaduras de missanga em volta, o que demonstra que Portugal é um paiz essencialmente colonial.

Os quiosques foram destruidos para longas terras, nem se poupando sequer os da Guarda Fiscal que, pelos modos, não ganhava nada com o quiosque. A Camara Municipal declarou-lhes guerra de morte e enterrou-os, meteu-

os todos debaixo do chão, transformando-os em compensação, em Palacios das Necessidades de cada um.

E agora já o estrangeiro pode desembarcar no Caes das Colunas, trepar acima duma montanha de pedra e gosar o panorama de Lisboa. Dantes era preciso subir ao Monte, á Penha de França ou á basilica da Estrela. Mas o que mais encantará, sem duvida, o turista, é o concerto das buzinas dos automoveis que transformam a velha praça pombalina—lá estão os pombos a atesta-lo—num grande órgão desafinado em que já nem sequer ha o perigo de se verem os canndos.

**O box** Grandioso espectáculo o de domingo passa-

do no Campo Pequeno. Espectaculo verdadeiramente nacional, no gosto do nosso povinho que delira de contentamento quando vê o seu semelhante com as ventas esmurradas. Nem sequer, por uma questão de patriotismo, nos importa saber quem foi o vencedor. O que nos interessa é a pancadaria, é haver quem dê e sobretudo haver quem leve. E assim pensam todos os portugueses, com excepção do poeta Sevilha que é de opinião inteiramente contraria.

Formidavel o Camarão, mesmo depois de feito em salada. Formidavel o Pierre Charles. Formidaveis os muros. Formidaveis os aplausos. Formidavel a receita.

Que nobreza de atitudes! Que gentilezas. Um aperto de mão para começar e logo a

seguir uma estalada nas ventas. E outra, e outra e mais outra e outra ainda. Pás!... Pás!... Pás!... É no fim de tudo um grande abraço, um chi-coração, como se tivessem acabado de trocar duas duzias de beijos cinematograficos. Então isto não é nobre, não é bonito.

Isto dizemos sem os menores intuitos de reclame. Dizemo-lo, porque sinceramente o o sentimos e já o leitor vae saber porquê?

É velho habito quando aqui se faz uma referencia amavel a um producto—á pasta Couraça, ao vinho Burjacas, ás ceramicas de Jorge Pinto, aos cigarros da Tabaqueira eu da Companhia dos Tabacos, ao Ordisi, á Ovomaltine, etc., recebemos no dia seguinte, com um amavel cartão de agradecimento alguns dos productos elogiados. Cada um dá o que tem. A mais não é obrigado e nós ficamos muito desvanecidos.

Compreendeste, leitor amigo? Os reclamos do *Fixe* são sempre pagos em generos e nós não temos armazem de pancadaria.

## João Ortigão Ramos Junior...



que depois da brilhante victoria no Campeonato de Espada passou a «senior»

## Ensino gratuito

O sr. Poincaré propoz ao Parlamento que o ensino secundario seja gratuito. Nem mais nem menos. Gratuito o liceu! Por certo que o sr. Poincaré não pensa que o ensino secundario é uma coisa secundaria.

## Policia feminina

Ha em Inglaterra uma policia feminina que se queixa dos poucos interesses feitos com a sua profissão. Quando muito, — confessam elas, lá arranjam os uns vintens quando conseguimos obter as provas necessarias para uma acção de divorcio. São danadas as mulheres.

Ondo elas hão-de ir meter o nariz...

## Ameixas japonezas

Moreira da Silva inaugura amanhã a sua exposição de ameixas japonezas no Palace Stand. Estando maduras devem ser deliciosas. Lá iremos e lá as comemos, embora ao Moreira da Silva muito lhe custe a engulir a ameixa.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»



Ha cá em casa um calvo que delira com «cupleteras» y «bailaóras», começando por aquela Pastora Imperio que foi mulher do calvo Rafael. Interrogado acerca de Amélia Molina, que hoje estreia no S. Luiz, disse-nos:

—Oh, meninos! Amalita é do melhorsinho «que hay, és una cosa séria, muy séria» Pertence a essa classe maxima de «La Goya», a precursora, e de Antonia Mecé, «La Argentina», que, com Amalita, emigrou de Espanha para deslumbrar a Europa e as Americas.

—E a Raquel?

—A Raquel é catalã e já canta em francez.

A. P., que foi homenageado — o com justiça — no T. P., mereça nesta secção uma referencia. O seu glorioso nome, de trabalhador incansavel da teatro, não pode ficar esquecido.

De tudo quanto nessa noite se passou no palco não sairá da memoria do publico — o julgamento. Foi, realmente, uma coisa inedita entre nós. A. P. respondeu pelo crime grave que cometeu, dedicando a sua vida ao teatro.

No final do julgamento foi lida a sentença. Nenhum jornal a deu. Vamos nós fornecê-la aos leitores.

E' a homenagem que lhe presta o *Sempre Fixe*. Ela na integra:

«Ouvida a acusação e as testemunhas que depuzeram neste processo; ouvidos o ponderados os debates dos meretissimos advogados de acusação e defesa; atendendo a que o crime está absolutamente provado; atendendo mais a que o Réu é reincidente relapso, porquanto a premeditação do crime de que é acusado vem desde o berço; deliberá este Tribunal que o Réu Antonio Pinheiro seja condenado a trabalhos forçados por toda a vida, algemado ás gálgas do Teatro, seguido da projecção brilhante do seu nome, gravado em letras de ouro nas paginas da Historia do Teatro Português, ou na alternativa, subsidiar perpetuamente o Teatro do seu País com a ohama fulgurante do seu talento, sobejamente já marcado na sua propria obra e demonstrada ainda, reflexivamente, na obra dos seus discipulos. Esta sentença não tem apelação.»

DISCUTE-SE neste momento, no meio teatral, se a nova revista é ou não melhor do que a outra.

No que se entretêm as pessoas!... Já é não ter que fazer...

SÓ aquele *molhinho* delas... vale a revista!

Alli ha juventude, ha frescura! B. C.—F. C.—M. S.—I. I.—A. F.—A. S., são seis actrizes que merecem ser vistas e apreciadas...

Basta vêr a saída da caixa, no final do espectáculo, para se avallar do seu valor... em mocidade!

DENTRO de pouco tempo teremos cinco revistas em scena...

Com o calor são capazes de se derreter...

Cinco para um homem só — que é o publico — não será demasiado?

ANTES da partida para o Brasil, a companhia do T. da T. representará a revista «Manda quem pó...de Malo». E' um arranjo das duas...

HAJA, ao menos, respeito pelos mortos!

Foi este o grito que soltámos ha dias ao ouvir, em determinada revista, pronunciar os nomes de Angela Pinto e Eduardo Brazão.

Não é com a nossa idade — somos ainda novos — que se pode falar da catedra... Mas, permitam os leitores que daqui, desta pequena tribuna, onde algumas verdades tem sido escritas, que protestemos contra a inclusão do nome daqueles dois artistas, numa rabula que foi feita para fazer rir o publico...

Não ha direito!

Além disso, o publico — eterna creança — ri quasi sempre onde não deve. E' este o caso apontado. Embora os artistas em scena se descubram, o publico toma isso como troça... e, infelizmente, não percebe! E ri... ri durante a imitação da maneira como aqueles dois grandes comediantes interpretaram as suas coróas de gloria...

Não perdoamos isto aos autores. Nós sabemos que é difficil encontrar assuntos... Os que ha estão explorados.

Os nomes sagrados de Angela Pinto e Eduardo Brazão devem — a bem da arte teatral dos nossos dias — ser esquecidos.

Ha tanto artista vivo com quem brincar... Deixem os mortos socegados!

«Maud Loty, tipo de ingenua «canaille» e que se tornou celebre pela maneira simples e natural como diz a palavra que immortalizou Cambrenne...»

Quanta falta nos faz um *Maud Loty* para ensinar o caminho a seguir a alguns dos nossos artistas... e gente de teatro!

AGORA que o «Tigre de Bengala» saiu do cartaz do T. N., podemos publicar, sem prejuizo do *negocio*, a seguinte quadra que corre pelos bastidores:

*Sempre foi de tradicção,  
Desde as mais antigas eras,  
Peça com tigre e leão  
E' peça lançada ás feras...*

A peça não foi lançada ás feras. Deu quinze representações, o que entre nós, e para um original, é quasi um successo... Não exageremos!

PARECE que *ele* queria resposta... Nós não lha damos. O Parlamento, felizmente, está fechado... Já lá vai o tempo do *dize tu, direct eu...*

Foi galha? Ha quem lhe dê outro nome...

AS parcerias revisteiras tem — este verão — teatros aos pares...

Uma ficou no T. M. V. e no T. P. e a outra instalou-se no T. do G. e no T. A...

E' logo aos pares... delest!

**O Homem das 5 horas**



O «az de foot-ball» ou o Estevão Amarante no campo de jogos de teatro da Avenida.

# Anacleto

## O espertalhão

O Anacleto contava todos os dias as suas aventuras através a Africa, onde, como caçador de feras, fizera uma brilhante figura — dizia.

— Pois uma vez — dizia o Anacleto — eu segurei para a caça levando como companheiro um negro, que a certa altura tive de abandonar porque, tendo nos perdido no caminho, havia três dias já que no nosso estomago não entrava nada.

— Vocês estão a ver; fome de três dias!

— Depois eu caminhava sózinho pela floresta quando, de repente, surgiu ante mim um leão. Apentei a arma. O tiro falhou. Não tive outro remedio senão fugir, indo refugiar-me numa gruta. O leão, furioso, tendo corrido atraz de mim, chegou á gruta, urrou e deu um salto. Olhei para todos os lados para encontrar uma saída, mas... a gruta só tinha entrada.

— Desta vez — diz ao caçador de feras um amigo que o escutava — sempre quero ver como tu escapaste. Sim... se era impossivel a fuga?

— Mas quem te disse que eu fugi?

— retorquiu o Anacleto.

— Mas... se tu estás aqui é porque o leão te não comeu...

— Ora... Ora... De facto, as intenções do leão eram essas... Mas eu não lhes disse que estava com uma fome de três dias... Quem comeu o leão fui eu!

Ora o Anacleto, que se tinha na conta duma pessoa espertissima, achou-se um dia de conta.

Os amigos, preocupados, recordaram-lhe um medico considerabilissimo que levava pela primeira vez sulla mala um sacco de centos e cinquenta escudos e vincenta pelas segundas.

O Anacleto passou na forma de ludibrio o dia nos Assim, entrando no consultorio, e fôrse para o medico e exclamou:

— Aqui está de novo, senhor doutor.

— Muito bem — diz o medico — Queira de puzer.

Examinou-o demoradamente durante dez minutos e exclamou por fim:

— Vai ando neste bem. Continue com o tratamento que lhe receitei da ultima vez.

# O valor duma letra

Quando um companheiro ocasional de «electricos» me comunicou chamar-se Joaquim Passos Dias Aguiar, perguntei-lhe muito naturalmente:

— E' «chauffeur», não?

— Não era.

O Passos não passava os dias a guiar, como o seu nome indicava, mas sim a «flirtar», o que é, na maior parte dos casos, mais perigoso. Depois, em caminhos de amor, não ha guardas sinaleiros, de forma que, se logo aos primeiros sinais do coração a gente se não guarda, aguardando uma desilusão, é «panne» certa...

Por isso, o Passos Dias, dedicando-se a guiar corações, trazia sempre consigo uma carta, não de «chauffeur», mas de «declaração» em que ele se declarava para os devidos efeitos, com prodigalidade de adjectivos, que as suas intenções obedeciam á lei do transitio: — pela esquerda, pelo lado do coração!

De resto, o Joaquim era um sentimental. Todos os seus passos se destinavam a guiar os seus sentimentos, puros como uma estrela de cinema, ao divorciar-se pela quarta vez... Por vezes, talvez por efeito das duas entradas que possuia no cabelo, tinha, mesmo sem estar «entradado», saídas extraordinarias. Admirador de tudo o que é belo, desde as flores e dos passarinhos até aos novos candieiros sistema «arco de pipa», chorava como

um vitelinho desmamado ao ouvir gemer numa guitarra «a sublime canção».

Ora, um destes dias, o Aguiar descia o Chiado, transportando pelo seu primeiro braço, a contar da esquerda, uma estiladissima donzela de 44 risonhas primav'ras.

Como o Chiado é o jardim da cidade, a Maricotas, que assim se chamava o insecto, contemplava embevecidamente os ramos de flores que se exibiam nalgumas montras á admiração cubicosa dos indigenas, olhando á sucapa, por debaixo das entradas do companheiro, os «solitarios», que encostados á porta do café se regalavam com a audição gratuita...

Vendo a predilecção da «parceira» pelos cravos, o Joaquim Aguiar, já resolvido a encravar-se com um ramo, que desamarrasse o seu coração ingenuo, parou e exclamou:

— Já viste, Maricotas, que grandes cravos?

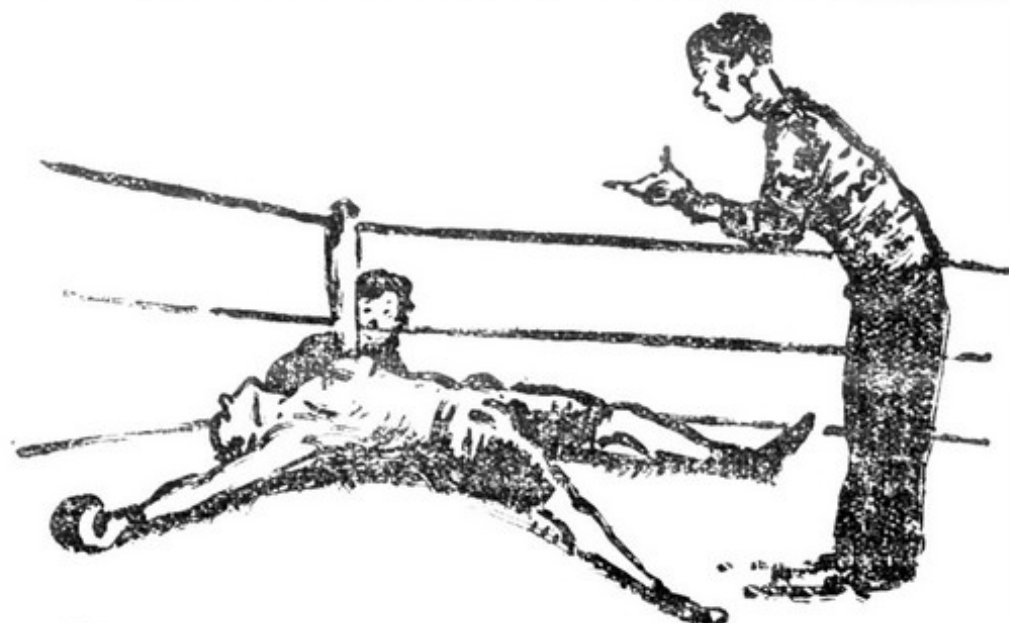
Foi nesta altura que surgiu um soliteo caixeiro, que interrogou, amavel:

— V. Ex.<sup>a</sup> desejam uns cravinhos? São baratissimos! A 9 escudos cada!

E dispunha-se a abrir a montra, quando o Aguiar repetiu, já a retirar-se:

— Já viste, Maricotas, que grandes «cravos»?...

Anibal Nazaré



— Levanto-te, homem!  
— Pois sim, mas vê se ele... ainda ai está!..

# Prosa de Cha-Velho

Para as festas do Congresso das Beiras anunciaram-se três touradas na Praça de Castelo Branco, uma praça quasi virgem.

Para tal foram afixados uns cartazes onde se lia que a empresa, não se poupando a sacrificios, conseguira contratar o cavaleiro Rufino da Costa.

E o bom do Rufino lá surgiu para a admiração dos beirões, com aquela cara risonha que Deus lhe deu e aqueles bigodes kaiserianos que os barbeiros de Vila Franca lhe frizam.

Grande foi o entusiasmo com o cavaleiro que a empresa conseguira contratar, não se poupando a sacrificios.

Mas um entendido de Castelo Branco, da foraç daqueles que em Lisboa pedem «la izquierda», entendeu gritar-lhe:

— A' garupa! A' garupa!  
E logo outros o secundaram, entusiasmados:

— Isso! Isso! A' garupa é que você não é capaz, seu Rufino! A' garupa!!

Rufino sorriu triunfante e, dando a entender que para ele não havia dificuldades, tornou a sorrir, fazendo um gesto com a mão enluvada, assim como quem diz: «Vocês vão vêr!»

E zás! Fez uma garupa tão perfeita que até o cavalo encolheu a dita ante a bolada do touro.

Palmas, muitas palmas, e mestre Rufino sorriu ante o triunfo definitivo.

O caso é que, se nesta primeira tourada houve uma enchent', na segunda poucos caíram, e a terceira foi uma notavel vazante...

## Assim é que está certo

Um erro de revisão permitiu que no nosso ultimo numero saisse um pouco avariada a ordem de serviço que a coelheira de Santo Amaro mandou colocar nos carros «electricos».

Porque o seu a seu dono, aqui transcrevemos, com o maximo respeito pela disposição grafica, o simpatico affiche:

Incorre na pena de Esc. 20\$00 quem cuspir sobre qualquer parte do carro.

Ao Sempre Fixe parece que assim é que estaria certo.

Incorre na pena de Escupir 20\$00 quem cuspir sobre qualquer parte do carro.

# As adivinhas do "Diario de Lisboa,"



45a

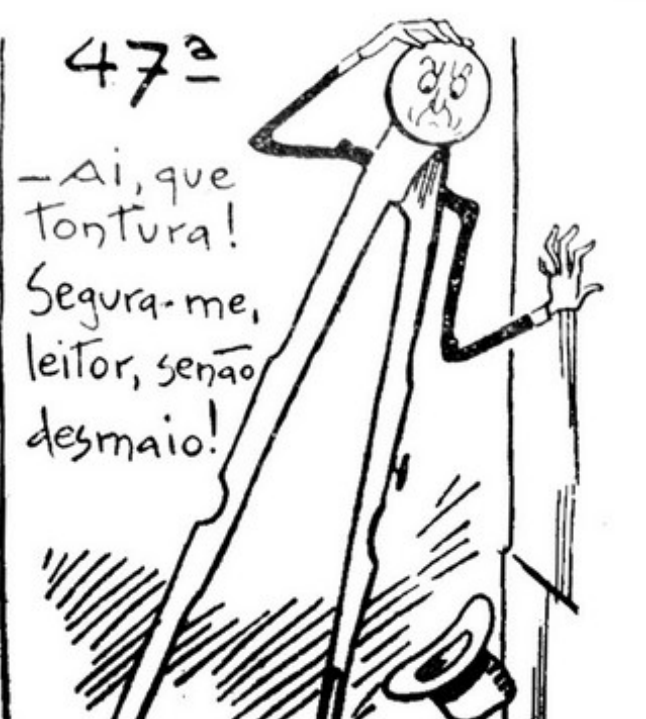
—Tenho passado as do Algarve!



46a

—Quizeste dar cabo de mim, mas enquanto te acendem, não me põem o juizo a arder.

—UF! Que calor!



47a

—Ai, que tontura! Segura-me, leitor, senão desmaio!

A. Valença

# BOM HUMOR

# As bruxas

# Elevador da Gloria

O pequeno Levi: — O meu professor disse-me que na Alaska o dia dura seis meses e a noite outros seis.

O pai Levi: — Muito gostava de ter já os meus negócios...

O filho: — Porquê?

O pai Levi: — Supõe que me vinham cobrar uma conta e eu não estava abonado. Dizia-me: «Volte amanhã de manhã... e eram seis meses.

\*\*\*

A admiradora: — Que linda musica acaba de tocar! Que admiravel virtuosismo! E' a sua nova obra, não?

O violinista: — Nada disso, minha senhora! Estava colocando uma corda no meu violino!...

\*\*\*

Entre amigas:

— Seu filho está muito adiantado no curso de medicina?

— Bastante! Já pode tratar meninos...

\*\*\*

Entre irmãs, á mesa:

— Joaquito, apanha o meu pastel antes que o cão o coma.

— Não te importes, Marieta, já lhe puz o pé em cima...

\*\*\*

Na leitania:

— Dê-me um litro de leite.

— Mas nessa cafeteira só cabe meio litro!

— Pois então separe o leite da agua e verá como ele cabe...

\*\*\*

Amor á americana:

Ela: — Antes de declarar-me, posso perguntar-lhe se tem alguma coisa no Banco?

Ele: — Tenho — tenho um irmão que é caixeiro...

\*\*\*

Mãe e filho:

— Dissoste-me, mamã, que se me pertasse bem uma hora me davas o que te pedisse.

— O que quizesse?

— Que me deixes ser mau duas horas...

\*\*\*

Na nossa praça:

— Como vai o negocio?

— Muito mal! Os comerciantes que vendem por um preço razoavel fazem uma concorrência terrivel!...

Encontra-se no Palacio do Torel, por determinação da policia, a bruxa D. Ana Sequeira, mais conhecida pela Ana do Porto, que durante 16 anos teve o seu consultorio na rua das Beatas.

A bruxa D. Ana do Porto, por especial deferencia para com o Sempre Fixe, teve a amabilidade de nos conceder a seguinte entrevista:

— Sr.ª D. Ana do Porto, quando volta a retomar a sua clinica?

— A vontade é boa... Mas aquele fariseu do agente Anibal Costa obrigou-me a um repouso de algumas semanas...

— Os seus inumeros clientes é que não podem passar sem os seus conselhos e a sua douta sciencia...

— Eu sei! Mas o que quere? Contra a força não ha resistencia...

— O que me diz ao metodo do dr. Asuero?

— Não acredito nele!

— O seu é mais infalivel...

— E' claro! Não se exerce impunemente uma profissão ha 16 anos!

— Sempre com bons resultados?

— Optimos! Optimos! O que pode ser afirmado pelos meus clientes...

— O Sempre Fixe acredita piamente nos exitos das suas habilidades e sabedoria...

— Creia que apenas me faz justiça!

— Também tem pontos para tocar os clientes?

— Pontos e zonas!

— Tem alguma receita para o mau olhado?

— Sim, senhor! Se quizer até a ofereço aos leitores do Sempre Fixe. Como ja estão impressos, não tem trabalho de a copiar.

At vai a receita, pela qual os leitores nada tem a pagar, caso queiram utilisar a titulo de experiencia.

— Fulano, se alguma pessoa por ti passou, que maus olhados te deitou, pragas te roçou, saigas te deitou e alguma coisa a comer te deu, ela por tí ha de passar, todo o mal do teu corpo e da tua casa ha de deixar, pelo poder do Santissimo Sacramento do Altar.

Fulano, eu te juro, o teu mal te desconjuro nesta reza que te estou a fa-

zer e a rezar todo o mal do teu corpo e da tua casa vou tirar e a graça de Deus no teu corpo e na tua casa ha de entrar pelo poder do Santissimo Sacramento do Altar.

— E' para os males do corpo?

— Também se arrotaja um excelente remedio, sem necessidade de ir á farmacia.

— Naturalmente é de difficil applicação...

— Nada disso! Veja se isto não é facilimo de fazer: lér todos os dias esta oração ao deitar, antes de se meter dentro da cama:

«Eu te perfume com perfume bento e sagrado que nasceu no campo sem ser semeado, assim como Nossa Senhora o seu Bemdito e amado Filho para cheirar assim, eu te defumo para todo o mal do teu corpo se retirar, para que nem bruxa, nem feiticeira, nem causadeira, nem empataadeira contigo possa entrar, em louvar do Santissimo Sacramento do Altar.»

— E se uma senhora se aborrecer do homem dos seus sonhos?

— Também tenho uma especialidade, cujos efeitos são positivos e não oferecem contestação. E' uma receita infalivel.

— Tem dieta esse medicamento?

— Não será mau tomar chá de Hibnaga e um copo de vinho do Porto antes de fazer a oração.

— Para as senhoras que suspeitam que os maridos lhes não são infieis?

— Tome lá outro papelinho com as indicações do que tem a fazer.

— São muito caras estas receitas?

— No meu consultorio são. Pode dizer aos leitores do Sempre Fixe que tenham absoluta confiança nos seus resultados, porque eu cá fico fazendo as orações. Ainda aqui tenho outro papelinho com nova receita, se a quizer oferecer aos leitores do seu jornal.

E quando a nossa entrevistada ia a dar-nos a receita, entrou o agente Anibal Costa, que a obrigou a submeter-se ao mais absoluto repouso, para bem dos seus clientes e da sua saúde, a quem os ares do Torel não tem feito muito bem.

«Um dia — começara o aviador — no aerodromo de Los Angeles incendiou-se o aparelho em que eu voava. Serenamente, embriulhei as chamas num jornal e lancei-as á abazca num para-quadra, enquanto eu continuava voando.

«Em virtude desta façanha, e a pedido geral, fui forçado a tomar parte num concurso de saltos em para-quadras.

«Chegou o dia. Havia aviadores de todo o mundo. Os melhores. Os mais conhecidos.

«Mister Ford instituiu para o vencedor da prova um premio — uma taça em platina, cravejada de brilhantes.

«A prova consistia em atirar-se o aviador da altura de 3.000 metros e não abrir o para-quadra senão depois de haver contado até dez.

«Passei algumas noites aprendendo a contar em inglés, até que chegou o dia da prova.

«Estava a 2.999 metros de altura. Lancei-me para fora do aparelho com o para-quadra. E comecei a contar one, two, three, four, five, six, seven... e a descer vertiginosamente. Doidamente. Assombrosamente.

«Quasi não respirava. De repente, notei que me havia esquecido do numero nove, em inglés. Recordei-me do alemão — neun, do francês — neuf, do italiano, Do espanhol. Mas o mal-dito, o miseravel nove inglés não me veio á memoria.

«Por fim, quando já estava a quatro ou cinco metros do solo, lembrei-me do numero: nine! nine!

«Estava salvo!

«A abrir o para-quadra... mas a altura era tão ridicula que me pareceu profeco abrir aquilo por tão pouco. E caí... nas pontas dos pés, fazendo flexão das pernas.

«Claro, que ganhei a taça.

\*\*\*

— Não tenham voés dovidas; o bairrismo é uma coisa perigosissima. Ainda noutro dia dos irmãos, um de Paris, outro de Marselha, se agrediram gravemente.

— Mas eram irmãos? — inquiriu alguém.

— Absolutamente. Mais do que irmãos: eram gemos.

— Mas... se eram gemos, como nasceu um em Paris e outro em Marselha?!

— E' que a mãe era aviadora — andava fazendo um tal!

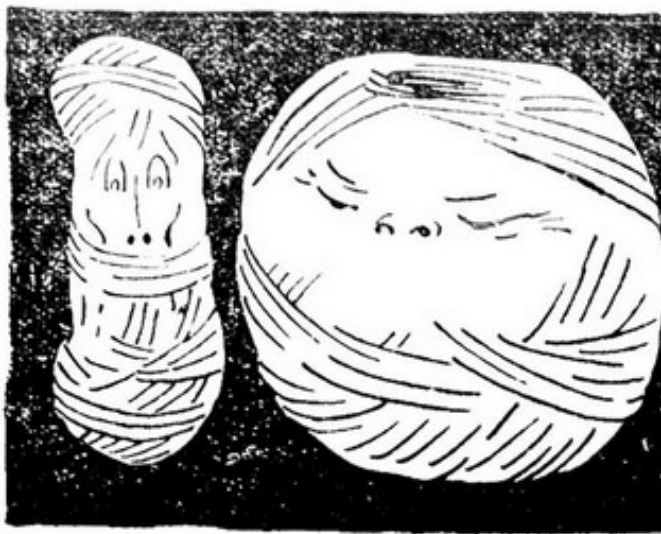
# As adivinhas do "Diario de Lisboa,"

48ª



— Bato-me as sopeiras, dizem que sabor de todos os sabores! Isto é que é sorte!

49ª



Se a dona é activa, fico na espinha, se faz muita cêra, crio banha.

50ª





# O "MATCH" SANTA-PIERRE OU UMA "PEDRADA" NO CAMARÃO

José Santa I — o *Camarão* — foi batido na grande batalha do Campo Pequeno, por uma coligação belga-luso-suiça.

Por conseguinte: — estamos todos muito tristes. E nestas condições, não pode fazer-se *humour* sobre o assunto. Isto hoje vai de cantochão.

\*\*\*

Atendendo a que cada diário conta a história de sua maneira e para elucidação das gentes desportivas, devemos dizer que o grande combate se passou como segue:

*Primeiro round* — Camarão dá ou tenta dar uns socos na cara do belga, Pierre Charles *contra* ou tenta *contrar corps-à-corps*. Camarão não faz nada e o belga faz-lhe coegas nos flancos. *Time*.

*Segundo round* — *Corps-à-corps*. O belga faz coegas nos flancos de Camarão e este não faz nada. Quando saem do *corps-à-corps*, Camarão dá ou tenta dar uns socos na cara do belga e este *contra* ou tenta *contrar*. *Time*.

*Tercerito round* — Como o primeiro.

*Quarto round* — Como o segundo.

*Quinto round* — *Idein*. *Idem*.

*Sexto round* — A mesma coisa.

*Setimo round* — Continua.

*Oitavo round* — Tal e qual.

*Nono round* — *Bis*.

*Decimo round* — Repetição.

*Undecimo round* — *Ibidem*.

*Duodécimo round* — Sempre por bom caminho e segue...

*Decimo terceiro round* — Como os anteriores.

*Decimo quarto round* — Volta-se ao principio.

*Ultimo round* — Camarão lembra-



PIERRE CHARLES

se dos patriotas que estão no sol e dá um pequenino enxerto no Charles. Mas como este é de *pierre*, o júri dá-lhe a vitória — pelo conhecido metodo Ollendorf.

\*\*\*

O júri suíço portou-se á altura. Assim se arbitra.

Só não percebemos porque lho faltaram as forças para levantar o braço do vencedor. Ha quem diga que foi por partida ao *Diário de Noticias*, que se apressou a anunciar *match* nulo no placard do Rossio.

\*\*\*

E vem a proposito dizer que recebemos ha dias uma carta que cremos ser do *manager* do Pierre Charles e cuja unica afirmação clara é a de que não é amigo do sr. Duvernaz.

Faz muito mal. Porque depois da arbitragem de domingo passado ficamos convencidos de que a amizade do sr. Duvernaz não desonra ninguém.

Quanto ao mais, a carta de Monsieur Alphonse é indigesta. Francês estilo Congo. Ortografia e caligrafia correspondentes.

*Santa va mordre la poussière* — é uma *pachóchada* que emparelha com a do seu pupilo: — *rou partilo ao meio*.

E duas *pachóchadas* não chegam para fazer um *boxeur*...

A tal *surprise* reservada a José San-

ta foi apenas uma surpresa para os espectadores, que viram um campeão ganhar muito discutivelmente.

\*\*\*

Segundo o juiz, o belga levou de vantagem 75 centésimos de ponto numa totalidade de mais de 138 pontos. Vê-se que o aparelho medidor era da terra dos cronómetros...

**Rebola-A-Bola.**

## Quem ganhou?

Travou-se agora imensa discussão Entre um amigo e eu.

Pois digo que venceu o Camarão E ele afirma que o belga é que venceu. Não pode ser! A raça portuguesa, Das mais fortes da Europa,

Ser assim apanhada de surpresa?!

O juiz da Suíssa, com certeza,

Esteve a mangar com a tropa.

Porém, ao nosso lado,

Um cavalheiro idoso e respeitavel,

Com modo delicado,

Atencioso e amavel,

Melhor se na conversa acima escrita,

E disse: «Meus senhores, eu tenho a dita

De conhecer o mundo como poucos,

Vós sois uns loucos!

Ou então, eu um estúpido chapado.

Não foi o belga quem ganhou aos pontos,

O Segurado

E' que ganhou aos contos.»

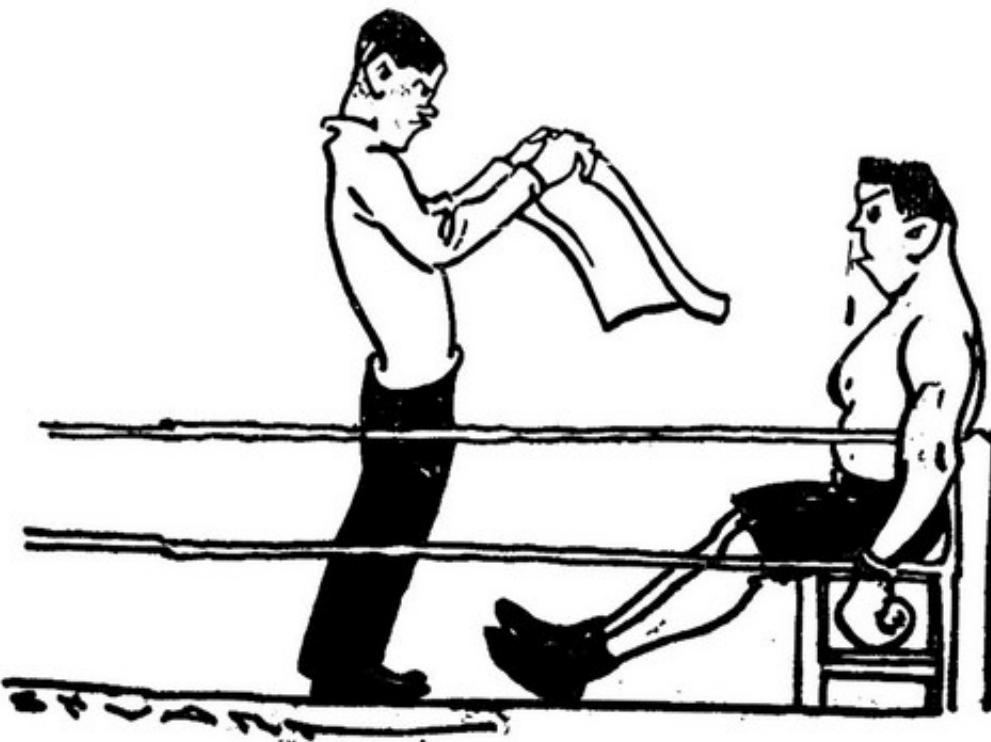
**Zé Maria.**

## Carlos Gonçalves

*Amarelo*



Um mestre d'armas... forte como as ditas! Um «paisana» para quem o trunfo é sempre espadas.

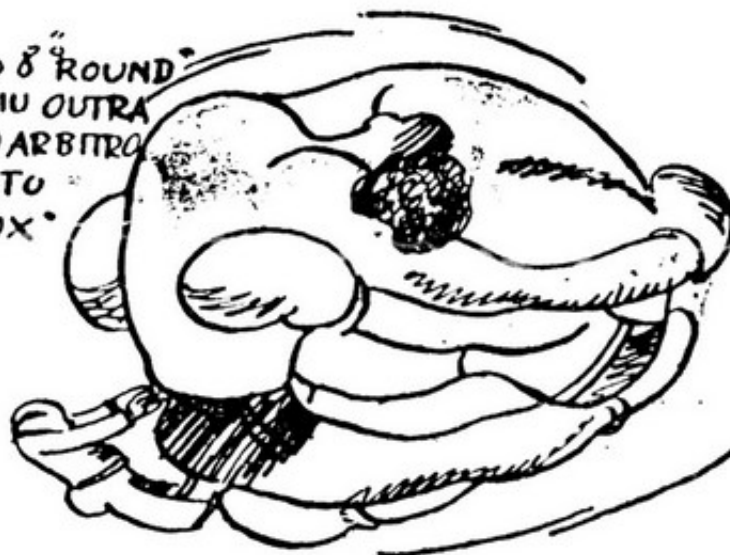


O «boxeur»: — Já não posso mais!  
— Imbecil! Deixa-te tocar no trigemio!

DUVERNAZ NECES-  
SITA DUM OCULO  
DE REDUÇAO PARA  
EXAMINAR CAMARAO

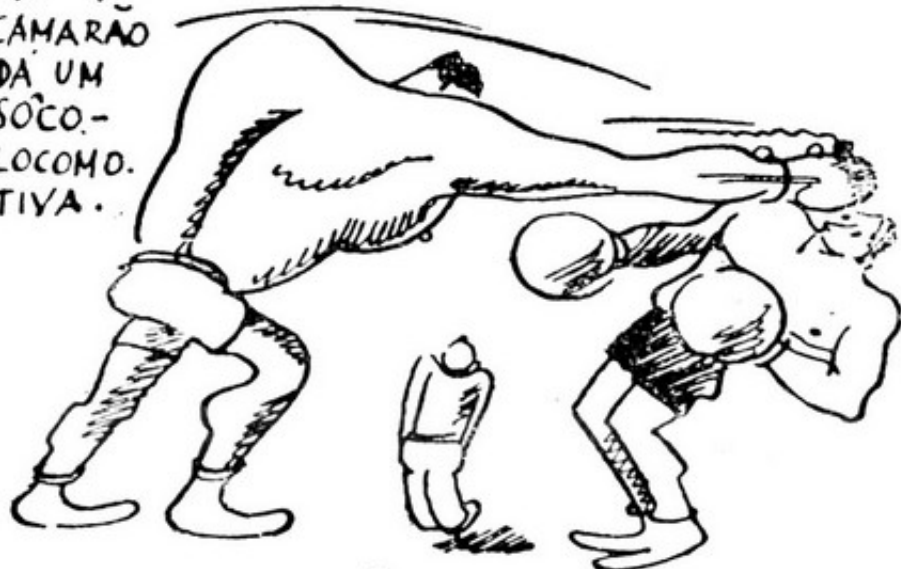


DO 1º AO 8º ROUND  
NÃO SE VIU OUTRA  
COISA - O ARBITRO  
FEZ MUITO  
MAIS BOX



E NOS SEQUINTES SENTE-SE O PÊSO DO SANTA  
E O SALERO DO PIERRE

NO 9º  
CAMARAO  
DA UM  
SOCO-  
LOCOMO-  
TIVA.



SANTA ENTRA EM  
AVALANCHE O QUE  
PARA PIERRE NÃO  
É CAMARAO, É  
GALINHA



DUVERNAZ VÓOS A  
LEOTARD FAZ

NISTO, NO 13º SANTA  
FICA CAMOES E PIER-  
RE PARECE-LHE O  
ADAMASTOR



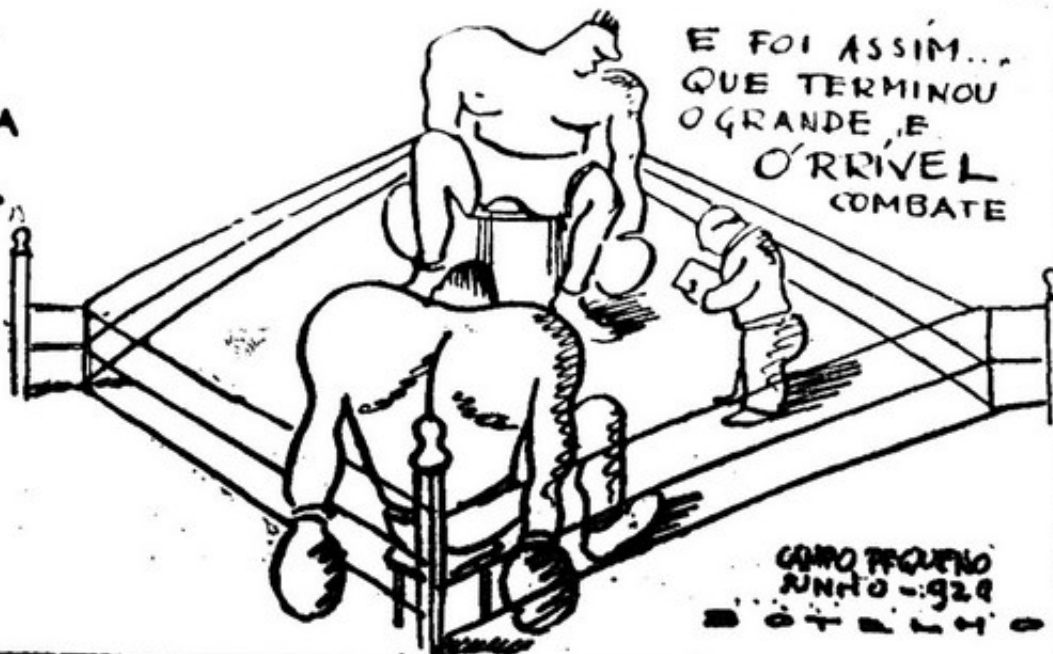
(AGORA CAMARAO  
NÃO QUER NA-  
DA COM  
O 13)

HA MOMENTOS EM QUE O  
SANTA PARECE



UM PREDIO  
A DESABAR -  
NESSA ALTURA  
PIERRE FAZ  
"PUSHING BALL"  
NA PANÇA DO  
SANTA

E FOI ASSIM...  
QUE TERMINOU  
O GRANDE, E  
O RIVEL  
COMBATE



COMO PRONTO  
JUNHO - 1929  
BOTA LHO

# ECOS DA SEMANA

DEPOIS DE NOS TEREM LANÇADO "NUMANCIA" TERRIVEL FORAM ENCONTRADOS PELO "EAGLE" JA' DE BARBATANAS.



ONZE REBALDOZE OS CARRILHÕES DE MAFRA SÃO DE BRONZE E TEM FEITO DANÇAR DE JUBILO O COMERCIO DE MAFRA —



OS PADEIROS CIVILISAM-SE - O PÃO É QUE RESULTARÁ MENOS GOSTOSO -



A DIVISÃO NAVAL PORTUGUESA EM VIRTUDE DO DENSU NEVOEIRO ENTRETENVE-SE A "RÉNAR" AS ESCONDIDAS

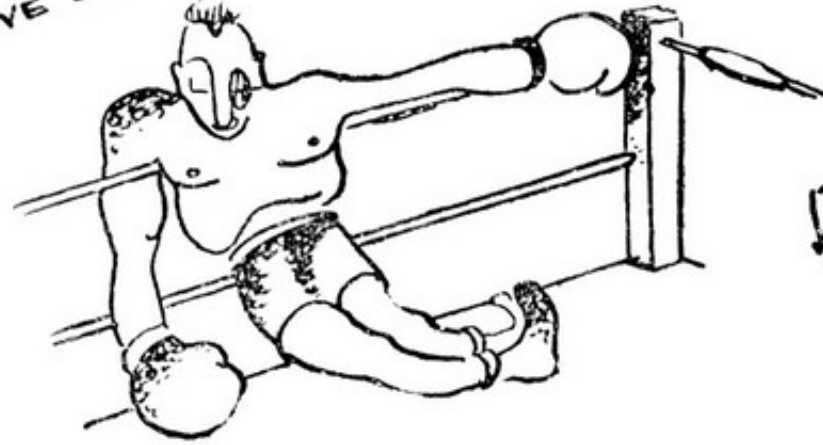


DESTAVEZ DAI PAO LINO FICOU ZAROLHO E QUEM TEVE OLHO FOI SHMELLING

DR. ASUERO  
TRATAMENTO Á PLATINA INCANDESCENTE  
DR. OYARZABAL,  
TRATAMENTO ELECTRICO  
DR. QUICHOTE  
TRATAMENTO A GAZ  
E A BRÍQUETES  
Á ALTURA DE TODAS AS BOLSAS



ESTA' NOS SEIOS DO TEJO UMA ESQUADRA ITALIANA - (OS SEIOS NESTE CASO SÃO AS BOIAS)



QUE N SABE SE NÃO TERIA CURA.

